

5 | NÚCLEOS e
LABORATÓRIOS De
PESQUISA DA
FAUUSP

Yvonne Mautner
Jorge Hajime Oseki

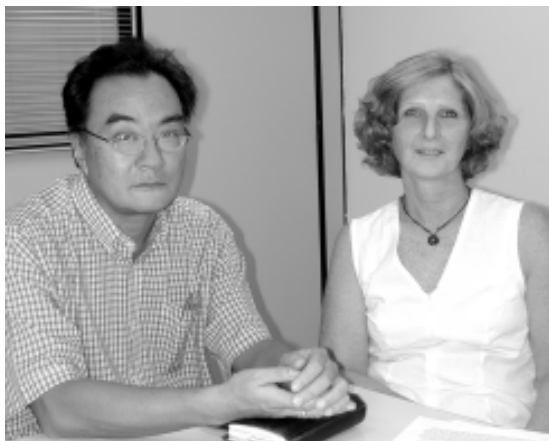
Coordenadores

NAP-PLAC

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA:
PRODUÇÃO e LINGUAGEM DO
AMBIENTE CONSTRUÍDO

I40

pós-



Jorge Hajime Oseki e Yvonne Mautner

Foto: Cândida Maria Vuolo

O Núcleo de Apoio à Pesquisa: Produção e Linguagem do Ambiente Construído, constituído em 1992, é um núcleo de pesquisa interdisciplinar que se propõe a estudar vários aspectos do processo de produção do espaço urbano, com particular atenção à questão de custos, tendo abrigado desde seu início pesquisas que trabalham na interface entre os rios e as cidades. Além de acolher uma pesquisa já em desenvolvimento sobre a produção do corpo docente da FAUUSP, o NAP passou, mais recentemente, a trabalhar também no desenvolvimento do processo produtivo de mobiliário para a habitação popular.

Yvonne Mautner

Arquiteta, mestre em arquitetura e urbanismo pela FAUUSP, doutora pela Bartlett School of Architecture and Planning da University College de Londres. Aposentada da FAUUSP em 1998, leciona na pós-graduação na área de concentração “Habitat: Produção do Ambiente Construído, Estado e Conflitos”.

Pesquisadora e coordenadora científica do NAP-PLAC, está coordenando a pesquisa Design e Tecnologia do Mobiliário Popular, dentro do programa PIPE da Fapesp. Área de pesquisa centrada nas formas de provisão da habitação popular, com publicações sobre o ambiente construído e, mais especificamente, a produção do espaço periférico. Secretária executiva da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional – ANPUR entre 08/2000 e 06/01, membro, desde 2002, do conselho assessor de Curso de Mestrado em Planejamento Urbano da Technische Universität Berlin, TUBerlin.

Jorge Hajime Oseki

Arquiteto e urbanista. Mestre e doutor em arquitetura e urbanismo pela FAUUSP. Leciona nesta Faculdade na graduação e na pós-graduação nas áreas de Economia da Construção e do Edifício e de Tecnologia da Paisagem. Pesquisador no Núcleo de Apoio à Pesquisa “Produção e Linguagem do Ambiente Construído” (NAP-PLAC da FAUUSP), no qual participou da pesquisa interdepartamental “Ambiente Construído e Ecologia Urbana: A região metropolitana de São Paulo e o rio Pinheiros” (de 1992 a 1996/ Fapesp-CNPq) e coordena a pesquisa interunidades “Rios e cidades: Identidade e conflito” (Biota Fapesp/ CNPq) desde 1999. Em 1997 fez estágio de pós-doutorado sob os auspícios da JICA Japan International Cooperation Agency, agência intercâmbio do governo japonês, no Doboku Kenkyujô (Public Works Research Station), centro de pesquisas do Ministério da Construção do Japão, na área de hidrologia fluvial, na cidade de Tsukuba. É autor de “La Fluvialité des Fleuves Urbains”, capítulo da publicação *Lugares: d'un continent, l'autre* (l'Harmattan, Paris, 2000), feita em conjunto com professores da FAUUSP e da Universidade “Jules Verne” da Picardia, França.

Yvonne Mautner (YM): O início do nosso trabalho deu-se no final de 1991... Começou basicamente com o Jorge e eu discutindo a possibilidade de criarmos mais um espaço de pesquisa na FAU. Sempre estivemos vinculados a atividades de pesquisa e envolvidos com grupos de trabalho. Cada um teve uma trajetória diferente, mas ambos achavam interessante um espaço onde se pudesse fazer uma pesquisa interdisciplinar. Os NAPs faziam parte de uma política da Reitoria que nós aproveitamos como uma nova forma institucional de trabalho supradepartamental e até interunidades, para apoiar esta atividade interdisciplinar.

Jorge Oseki (JO): Acho que deveríamos recuperar um pouco de nossa história. Eu e a Yvonne somos de uma geração de professores que entrou na FAU para fazer pesquisa. Somos professores-pesquisadores. Ingressamos na gestão do professor Nestor Goulart Reis Filho e desde a nossa contratação, em 1974, tínhamos esta característica comum de participar do Centro de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo que estava sendo fundado na época, na rua Maranhão. Era uma modalidade nova, o professor-pesquisador. Digo, nova na FAU. Naquela época professor era uma coisa, pesquisador outra. Eu, por exemplo, fui contratado para participar de um grupo de pesquisas de Racionalização e Industrialização da Construção Civil, sob a orientação do professor Léo Nishikawa, antes mesmo de ser contratado como professor. Na época haviam sido contratados vários outros professores-pesquisadores: Lucrecia D'Aléssio Ferrara, Maria Adélia de Souza, Jorge Dantas, Azael Camargo, Décio Pignatari, Neide Patarra. Enfim vários, agrupados em distintas áreas de pesquisa: planejamento, habitação, tecnologia e outras.

YM: Eu trabalhei na FAU-Maranhão no Núcleo de Habitação, em uma pesquisa para a Secretaria de Bem-Estar Social, trazida para FAU pelo professor Nestor. Mas o meu pedido de contratação foi feito pelo professor Lúcio Grinover, para dar aulas na área de Desenho Industrial, para a qual também

foram contratadas, a seguir, a Suzana Prado (uma psicóloga) e a Sonia Novinsky (socióloga) com a intenção de dar início às pesquisas em uma nova área, interdisciplinar, de estudos ambientais.

JO: Por isso ficamos sempre com aquela idéia de a USP ser um lugar privilegiado para a pesquisa. Montamos na década de 70 um núcleo com Ermínia Maricato, Suzana Pasternak, Paulo César Xavier e Nilton Vargas para estudar a construção civil. Este nos parecia um tema adequado porque até então havia pouquíssima bibliografia sobre o assunto no Brasil (e até no mundo). Era pouco estudado na economia, na sociologia, e na história. Então, a Yvonne, que havia ido à Inglaterra estudar na Bartlett School, trouxe um material inglês sobre especificidades teóricas e práticas da indústria da construção. Havia também os estudos do Centre d'Études et Recherches Marxistes – CERM – trazidos da França pelo Rodrigo Lefèvre sobre a produção do ambiente construído na Europa. Começamos debatendo em grupo estes estudos. O meu doutorado e o da Yvonne são, de certa forma, produtos desta pesquisa sobre a construção, para a qual havíamos solicitado financiamento, primeiro, para o BNH (aprovado, mas não utilizado, pois o banco se extinguiu em 1986) e depois para o CNPq. Acabada esta etapa, partimos para outra pesquisa, em 1980, com pessoas que compartilhavam desta nossa necessidade de ter um espaço comum de trabalho.

YM: Um parênteses... Antes do NAP-PLAC, nós tentamos criar na FAU um LabHab (Laboratório de Habitação) interdepartamental (com a Suzana Pasternak e Maria da Glória Gohn, do AUH, a Ermínia Maricato e eu, do AUP e o Jorge Oseki pelo AUT), o que nos colocou logo de início com um problema. Os professores de um departamento não podiam oficialmente dar aula em outro. Como seria necessário estarem todos lotados dentro de uma só disciplina, no novo curso, não haveria como dar créditos a todos: nem aos professores, nem aos alunos – porque não teria como conceder créditos para discentes referentes a estágios na

pesquisa. Era difícil do ponto de vista burocrático conseguir montar um curso interdisciplinar na FAU. Isto acabou sendo uma outra razão para se tentar criar um núcleo de pesquisas no qual fosse possível exercer a interdisciplinariedade entre alunos e professores.

JO: Na idéia dos NAPs havia embutida uma visão empresarial e pragmática da pesquisa acadêmica: o objetivo principal era a agilização da captação de recursos financeiros fora da USP. Partia-se do pressuposto que a universidade havia se tornado um organismo muito lento nesta captação, uma vez que você teria que aprovar uma pesquisa em várias instâncias (nos vários colegiados), o que demandava tempo. Os NAPs, ao contrário, prestariam contas, teoricamente, à Pró-Reitoria de Pesquisa. Havia, então, este aspecto que eu chamaria não tanto de empresarial, mas de se buscar uma maior eficácia nas tramitações necessárias ao desenvolvimento das pesquisas.

YM: Buscava-se diminuir o “tempo burocrático” da captação de recursos pela universidade.

JO: Por isso os NAPs foram bastante criticados. Eu e a Yvonne somos professores em um sentido mais clássico. O que nos movia não era exatamente a agilização de verbas, nós queríamos basicamente um núcleo onde pudéssemos fazer pesquisas. Nossa idéia era montar um núcleo de pesquisas bem acadêmicas, utilizando verbas tradicionais (usuais), não tinha nada de muito moderno ou dinâmico.

YM: E foi assim que funcionou...

JO: O Centro de Pesquisas em Arquitetura e Urbanismo – Cpau – criado anteriormente pelo Nestor também buscava uma certa agilidade, uma dinâmica mais pragmática. E nós fomos herdeiros disto, mas nossa pesquisa – assim como a dele – tinha sobretudo um caráter acadêmico, poderia ter aplicações práticas junto a prefeituras, ou a indústrias, mas isto não era o fundamental. Tínhamos essa coisa meio de...

YM: “Resguardo acadêmico” ...

JO: Esse nosso NAP era um pouco diferenciado. Nós não queríamos fazer um grupo de um

departamento, do AUT ou do AUP. Conversamos então com vários professores, de todos os departamentos (e de várias unidades), mas na época havia um desencanto com o trabalho em conjunto muito grande...

YM: Muito estavam envolvidos com outras pesquisas.

JO: Havia e há razões para este desencanto. A pesquisa acadêmica, apesar dos esforços de muitos, continua um sacerdócio, é muito lenta, leva-se muito tempo para se conseguir verbas, sobretudo quando se trata de uma pesquisa acadêmica que não será aplicada imediatamente. É difícil explicar o que se está fazendo, o porquê, já que se trata de pesquisas interdisciplinares, mais complexas. A pesquisa que estou coordenando sobre a fluvialidade em rios urbanos, há cinco anos, nem sequer foi ainda aprovada. As pessoas da equipe original que eram mestres já viraram doutores, mudaram de cidade, de país, de profissão... É difícil manter uma equipe assim. E os órgãos de fomentos são lentos, burocráticos. Conversando então com os professores, a maioria dizia que seria muito complicado pela Fapesp e pelo CNPq. É trabalhoso e demorado. As decisões são muitas vezes arbitrárias. As pessoas já estavam cansadas dessas histórias e queriam mais cuidar de suas carreiras individuais. A pesquisa acadêmica (não exatamente no sentido de puramente teórica), quando não se trata de uma consultoria diretamente subordinada a empresas ou prefeituras, está desgastada.

YM: Formamos um núcleo basicamente com o pessoal de DI (Desenho Industrial): Marlene Picarelli, Lucrecia D’Aléssio Ferrara, Cibele Taralli e eu; de Paisagismo, Maria Ângela Faggin, Paulo Pellegrino e Catharina Pinheiro; do Departamento de Tecnologia tinha Jorge Oseki e Khaled Ghoubar. Começamos a discutir qual seria o tema com o qual trabalharíamos e aos poucos fomos nos aproximando de lugares na cidade que estavam sofrendo transformações muito evidentes. Nós pensamos em trabalhar com a Mooca e

acabamos chegando no bairro de Pinheiros, no Largo da Batata. Como o Jorge tinha um interesse específico na área de rios, desde que começou a trabalhar com redes de infra-estrutura urbana, escolhemos como objeto de investigação a calha do rio Pinheiros, o rio e sua várzea, e as transformações urbanas na área.

JO: Havia uma dimensão semiológica do rio, de como as pessoas o percebiam; havia o espaço técnico produzido pelas infra-estruturas (intervenções hidráulicas, do sistema viário, de redes de água e luz) que se apoiavam na calha do rio, e havia ainda a história da urbanização da várzea do Pinheiros, como esse rio foi ocupado, como foi produzido socialmente. A Yvonne, durante a BISS XIV (Bartlett International Summer School) em 1991, convidou alguns pesquisadores ingleses para conhecer São Paulo. Quando estávamos andando pelo rio Pinheiros, explicando as características de seu processo de urbanização: as favelas, os centros de lazer, o centro empresarial, o distrito industrial, os postes de alta tensão, as barragens, as construções de alto, médio e baixo padrão ali misturadas, o Ceagesp, o cadeião, a poluição ambiental, demo-nos conta que para um inglês aquilo era muito estranho, pois parecia que estavam todos os usos e todas as classes sociais simultaneamente junto ao rio. O rio, aliás, foi um objeto de estudo muito interessante e rico. Em 1989, começamos a estudá-lo, do ponto de vista semiológico, de sua produção enquanto ambiente construído e da história de sua ocupação. Nossa idéia era fazer uma pesquisa interdepartamental. Na época, a Marlene Picarelli era a chefe do Departamento de Projeto, o que ajudou a consolidar o NAP/PLAC inicialmente. Ela nos conseguiu várias coisas: espaço, secretário, computadores. No começo utilizamos a infra-estrutura do Desenho Industrial para iniciar o trabalho. Depois obtivemos financiamento do CNPq e da Fapesp.

YM: Isso permaneceu durante alguns anos, trabalhamos juntos na pesquisa por cinco anos. Depois cada um começou a trabalhar

separadamente, em sua área mais específica, porém, sem financiamento.

JO: Na verdade, constituímos várias frentes de trabalho...

YM: Houve uma parte da pesquisa que foi preparada e executada por todos, e foi a base para o trabalho específico da Lucrécia. Outras partes do trabalho permaneceram incompletas e foram desenvolvendo-se aos poucos.

JO: Uma forma de dar continuidade à pesquisa do rio Pinheiros foi trabalharmos juntos enquanto grupo, em um módulo de linguagem e representação, dentro do curso de especialização em Gestão Ambiental, da FAU e da Saúde Pública, coordenado pela Lucrécia. A problemática central do grupo não começou com o meio ambiente, mas foi se dirigindo aos poucos para a questão ambiental. Havia, e há, uma demanda muito grande sobre o assunto. Nessa época, os estudos mais sólidos em planejamento ambiental eram raros, e um estudo sistematizado sobre uma realidade ambiental (o rio Pinheiros) em que entravam outros elementos como a evolução urbana, as redes de infra-estrutura e a abordagem semiótica tornou-se interessante. Por volta de 1995, veio ao Brasil a professora Sylvia Ostrowetsky, uma semiótica urbana francesa. Participamos com ela, e sob sua coordenação, de um convênio (por meio do Comité Français d'Évaluation de la Coopération Universitaire avec l'ê Brésil – COFECUB) com a Universidade da Picardia, em Amiens, na França, e a FAUUSP, que resultou no livro *Lugares, d'un continent l'autre* organizado pela Sylvia e editado pela L'Harmattan (Paris, 2000). Vieram ao Brasil também três de seus orientandos para troca de experiências. Em 1994, o professor e arquiteto Alberico Belgiojoso, de Milão, também se interessou pelo trabalho, e prontificou-se até a pleitear um financiamento junto à Pirelli para que pudéssemos efetivamente desenvolver um projeto de (re)qualificação do rio Pinheiros, o que infelizmente não ocorreu. Mas o núcleo de pesquisa, em princípio, funcionou em parte do jeito que havíamos previsto, promovendo

trabalho científico, participando de cursos de pós-graduação e especialização, coordenando intercâmbios internacionais e até pretendendo viabilizar projetos junto a empresas.

YM: Um dos pesquisadores que veio com a Sylvia se propôs a continuar um trabalho iniciado conosco. Pretende voltar ao Brasil. São laços criados na pesquisa que se solidificam.

JO: Mas a universidade tem seus caminhos. Alguns professores (sobretudo as coordenadoras, Marlene e Lucrecia) tiveram que se aposentar. Cada um passou a ver a pesquisa de uma maneira mais profissionalizante ou mais acadêmica. O grupo foi tornando-se menos coeso, as pessoas começaram a perder o interesse, o financiamento se tornou mais difícil, alguns evoluíram na carreira passando a assumir outras responsabilidades. A única lacuna que ficou deste trabalho foi o fato de não termos conseguido, enquanto núcleo, publicar nada sobre a pesquisa do rio Pinheiros.

YM: A divulgação do trabalho foi bastante falha: nada além de um relatório final.

JO: Havia também o problema das autorias diversas. Não tínhamos muito bem resolvida a questão administrativa, nem a questão legal dos direitos de publicação e de autoria, nem em relação aos alunos nem em relação aos pesquisadores e professores que participavam da pesquisa. Acho que se fosse um núcleo dentro da faculdade, como era a proposta do Nestor, aí a faculdade poderia ser a proprietária de tudo. Os NAPs são meio estranhos, porque querem representar uma outra forma de lidar com a pesquisa em que não haja patrão, nem escritórios. Não se trata seguramente de uma empresa e, portanto, não há proprietários das idéias. Os pesquisadores são todos coproprietários e o trabalho feito é ao mesmo tempo propriedade de todos e de ninguém. Aí vai depender das normas do bom convívio acadêmico e da consciência de cada um.

YM: A solução seria você começar a aprender a trabalhar de outra forma. Aquela pesquisa acabou, mas o NAP continua: o Jorge e o Paulo Pellegrino

continuaram nessa linha de pesquisa ambiental, coordenando um projeto de requalificação de rios (nas sub-bacias do Cotia, do Tamanduateí e Tietê/Cabeceiras), com pedido de financiamento no Biota/Fapesp para uma equipe pluridisciplinar (composta por biólogos, antropólogos, engenheiros, geógrafos e arquitetos). O Khaled Ghoubar permanece trabalhando na área de custos, tendo realizado o congresso A formação de preços na Construção Civil, que reuniu professores da FAUUSP, técnicos do FETICOM e do DIEESE. Após minha aposentadoria, recebi do CNPq uma bolsa para desenvolver um trabalho sobre a indústria moveleira (retomando um trabalho iniciado com Ermínia Maricato e Telmo Pamplona, ainda dentro do curso de graduação, na área de DI, sobre o interior da habitação popular em São Paulo). Este ano, Angélica Santi, responsável pela Oficina de Arte e Design, e eu, conseguimos financiamento dentro do Programa PIPE da Fapesp, para desenvolver a primeira fase de um projeto de móveis junto à fábrica IdeiaMovel de Mogi-Guaçu. Também no NAP está sendo realizada a pesquisa sobre a produção dos professores da FAUUSP, com a participação de vários pesquisadores, inicialmente coordenada pelo professor Silvio Sawaya e depois, pelo professor Miguel Pereira, parte da qual já se encontra disponível em várias publicações de excelente nível.

Estamos em um momento em que a produção dos professores-pesquisadores ligados ao NAP está muito diversificada, mas nada impede que haja convergências futuras entre as várias pesquisas, o que permitirá novamente projetos em comum.

scripção da J.

re. S. João em op. em a. f. d. f. d. n. d. a barra daquella banda por onde se podem entrar
em forma de bu. S. J. 58 braças e meia de de palmos por braça. Sem fuso
muy pouca parte. Di.

Y V A I D M V C

ar 50
realin
das sev
a depoz
Kamanta
fines libras e meia a
de rocha viva
e faz a prova.: